



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM O IDIOTA, DE DOSTOIÉVSKI

Midiã Ellen White de Aquino
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo: Esta proposta de trabalho tem como objetivo analisar como o feminino é representado na obra *O Idiota* (1869), do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821 – 1881). Nesse romance, enquanto algumas personagens femininas são construídas de maneira a afrontar os princípios patriarcais outras representam mulheres que são subjugadas pela opressão do patriarcalismo ainda vigente na sociedade russa da segunda metade do século XIX. Sejam moralmente honradas ou desonradas, as mulheres de *O Idiota* são personagens que representam uma consciência feminina em processo de mudança social. Assim sendo, a análise deste artigo, que tem como respaldo teórico as ideias de Bakhtin (2010), Frank (2003), Pessanha (1981) e Beauvoir (1967, 1970), está direcionada para o núcleo honrado composto pelas mulheres da família Iepántchin em contraste com as moças desonradas e sem família representadas por Nastácia Filíppovna e Marie. Deste modo, por meio da autoconsciência dessas personagens e da visão do outro sobre elas é possível compreender o cenário no qual o feminino desse romance é construído.

Palavras-chave: Mulheres. Personagem. Representação.

1 Introdução

É assim que vocês todos são: ou se dão com mulheres desonradas, ou com mulheres honradas – só há uma escolha! Se não acabas forçosamente te atrapalhando... (Nastácia Filíppovna¹, In: DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 203)

No romance *O Idiota* (1869), de Dostoiévski, o universo feminino é constituído por personagens que retratam (como diz o próprio autor a respeito do seu realismo) o mais profundo da alma humana. A maioria das personagens femininas nessa obra é posta de maneira a desmistificar a imagem da mulher angelical, frágil, ingênua e sem voz, tão vigente na literatura da primeira metade do século XIX, embora também apareçam algumas personagens que ainda conservem os padrões da mulher oitocentista. Nesse romance

¹ Neste artigo, a grafia dos nomes das personagens de *O Idiota* estará de acordo com a edição que consta nas nossas referências, com exceção das citações diretas do referencial teórico.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dostoiévski constrói as relações de gênero mostrando as faces de uma sociedade hipócrita, movida pelo dinheiro e pelas convenções sociais.

É relevante ressaltar que embora não sejam sinônimos, os termos *mulher* e *feminino*, usados aqui, terão uma carga semântica semelhante, uma vez que como nos esclarece Lucia Castelo Branco (1994, p. 16), “o *feminino* é um conceito que se constrói a partir da ideia de *mulher*, ou de *fêmea*”. Deste modo, neste trabalho nos propomos a investigar como as mulheres são representadas em *O Idiota*, observando como as personagens femininas se posicionam perante o Outro, como elas veem a si mesmas e ao mundo.

As personagens de Dostoiévski são, conforme nos mostra Mikhail Bakhtin (2010), construídas com base em uma autoconsciência, isto é, o autor dá completa autonomia para que elas se apresentem por si mesmas. Assim, a autoconsciência significa a maneira como a personagem se vê e o que o mundo representa para ela. Não se trata aqui de apenas traçar características físicas ou psíquicas, mas de envolver todos esses elementos como meio de reflexão da personagem para o revelar da sua autoconsciência.

Como ser independente, a personagem de Dostoiévski possui o seu próprio discurso. Por essa razão o herói dostoiévskiano é diferente do tradicional porque ele tem uma voz particular que “possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse *ao lado* da palavra do autor, coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis” (BAKHTIN, 2010, p. 5). Daí o embate do herói na relação com o Outro, visto que a autoconsciência de cada personagem entra em conflito com as diversas maneiras de ver o mundo das outras personagens. Contudo, é por meio desses enfrentamentos dialógicos que a identidade das personagens e a maneira como elas concebem o mundo é revelado ao leitor.

Segundo Rodolfo Gomes Pessanha (1981), em *O Idiota* as personagens podem ser classificadas como metafísicas e sociais, uma vez que persiste na obra de Dostoiévski a problemática da infelicidade humana e as razões desse infortúnio elevadas a um plano metafísico em contraste com uma sociedade corrompida pela canalhice. Deste modo, Pessanha (1981, p. 32) explica que:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Mishkin, Rogozhin e Nastasia, que são os grandes nomes do romance, são evidentemente as personagens metafísicas, que se debatem, como instrumentos e fins do escritor, na faixa da ação propriamente espiritual. Os outros são os acanhados, enxovalhados e infelicitados de toda ordem, de tipo social, o que não quer dizer que os primeiros estejam isentos do processo de corroimento pela canalhice: afinal, o escritor os faz, a todos, se relacionarem, e a penetração na sociedade é necessária para que eles e suas ações possam ser vistos como verossímeis, ao menos.

Bakhtin (2010) mostra que todo o mundo exterior com suas ideologias, crenças e costumes são postos no campo de visão da personagem como desvelamento para a sua autoconsciência. Ao fazer todas as personagens se relacionarem, muitas vezes em momentos que acabam despontando para a baderna, Dostoiévski faz as realidades desses seres fictícios refletirem-se umas nas outras dialogicamente encadeadas. Assim sendo, partiremos para as nossas reflexões sobre a construção de algumas das personagens femininas de *O Idiota* observando como elas são representadas do ponto de vista social, moral e ideológico de maneira que possamos perceber a autoconsciência dessas personagens no plano dialógico, para tanto, a seguir discorreremos rapidamente sobre a história das mulheres na sociedade russa no intuito de melhor compreendermos o universo feminino representado nesse romance.

2 Breve histórico sobre a questão feminina na Rússia

A tradição russa, semelhante aos costumes ocidentais, foi construída sob uma base altamente patriarcal. Assim, a família era comandada pelo homem e os direitos masculinos estavam muito acima dos direitos femininos. O pai da família era quem decidia com quem as filhas casariam e conseqüentemente a subserviência da mulher passava do pai para o esposo, logo após o casamento. Conforme nos explica Peter N. Stearns (2007, p. 166), na Rússia “com freqüência, no próprio casamento, o pai da noiva dava uma chicotada simbólica na filha, entregando o chicote em seguida ao noivo, como se transferisse a ele o poder”. Solteiras ou casadas, as mulheres, especialmente as de classe alta, eram submetidas à reclusão dentro de suas casas e quando em público eram obrigadas a cobrirem o rosto com um véu. Para elas a vida se resumia à maternidade e às tarefas domésticas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Foi somente a partir dos governos dos czares Pedro (o Grande) e Catarina (a Grande) que as mulheres começaram a conquistar seus direitos. Pedro ordenou que as mulheres tivessem a liberdade de saírem de suas casas e participarem dos eventos públicos, também eliminou a prática dos casamentos arranjados e permitiu que as mulheres da aristocracia tivessem acesso à educação. No entanto, essas mudanças não atingiram toda a população feminina da Rússia, segundo Stearns (2007, p. 167), “as mulheres da nobreza provinciana e as vastas massas de camponesas não experimentaram qualquer mudança”. No império de Catarina, a educação feminina foi incentivada, no intuito de iluminar as mentes das mulheres; escolas foram criadas para a educação das meninas ricas e, em menor proporção, também para meninas pobres, porém o número de crianças do sexo feminino que frequentavam a escola era extremamente inferior ao do sexo masculino.

No início do século XIX ainda persistia os valores patriarcais, a influência ocidental trouxe alguns impactos para a questão feminina na sociedade russa, contudo poucos foram os avanços. Já na segunda metade desse século foi intensificada a discussão sobre a subordinação feminina e sobre a participação da mulher no âmbito social. Segundo Stearns (2007, p. 169), mulheres das variadas classes sociais lutaram pelo direito de ingressarem na universidade, “nos anos 1870, o governo foi autorizando gradualmente a abertura de cursos para as mulheres, como o de medicina, e finalmente estabeleceu uma universidade para elas”. Nesse período, foram publicados muitos artigos escritos por intelectuais homens e mulheres nos quais se abordavam sobre a questão feminina. Assim, nesse ambiente “liberais, radicais e socialistas dos círculos intelectuais criticaram a família patriarcal como uma forma de atacar o Estado paternal russo. Desta forma, a posição subordinada da mulher na família patriarcal foi uma das principais preocupações dos intelectuais russos” (SUCHLAND, 2005 *apud* VIEIRA, 2012, p. 225).

Por conseguinte, podemos observar que essa preocupação também está presente na obra de Dostoiévski. No romance *O Idiota*, que apresenta uma diversidade de temas de caráter social e ideológico, a questão feminina é um assunto que sempre é posto em discussão. Nessa obra há a representação de uma sociedade que é dominada pelos princípios patriarcais, na qual



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ecoam os preceitos da conduta feminina baseada na pureza e na conservação da inocência. Nos discursos das personagens repercutem valores morais que rotulam as mulheres como seres que para a sociedade são considerados honrados em oposição aqueles que são moralmente desonrados.

Assim sendo, as mulheres honradas eram aquelas que seguiam fielmente os padrões sociais impostos pelo patriarcalismo, conservando-se castas até o casamento e depois deste se mantendo fiel ao seu esposo, agradando-o no intuito de não ser desprezada por ele. Essas mulheres eram ensinadas a aceitarem em silêncio as vontades masculinas, sendo submissas e obedientes. Enquanto as mulheres desonradas eram aquelas que possuíam uma vida fora dos padrões sociais, na maioria dos casos porque perdiam a virgindade antes do casamento. Desprezadas pela família por mancharem a honra da casa, eram censuradas pela sociedade e consequentemente entregavam-se ao mundo da prostituição, uma vez que não havia outra opção para sobreviverem.

No romance *O Idiota*, no entanto, as personagens femininas mais relevantes possuem características que rescindem esse estereótipo da mulher oitocentista, quer sejam honradas ou desonradas. Mesmo sendo instruídas a seguirem o modelo feminino padrão vemos nessas personagens indícios da representação de uma nova consciência social. Segundo Simone de Beauvoir (1970, p. 165), na Rússia, nos últimos decênios do século XIX já começava a se delinear, entre as estudantes, o movimento feminista. O despertar dessa nova consciência leva mulheres às ruas e à luta por seus direitos. Portanto, elas “vão ‘ao povo’, lutam contra o Okrena² com métodos niilistas [...]. Durante a guerra russo-japonesa, as mulheres substituem os homens em muitos ofícios; tomam consciências de si mesmas e a União Russa pelos Direitos da Mulher reivindica a igualdade política dos sexos”. A partir desses movimentos e finalmente com a Revolução Russa (1917), as mulheres tiveram seus direitos garantidos por lei, “fiel à tradição marxista, Lênine ligou a emancipação das mulheres à dos trabalhadores; deu-lhes a igualdade política e a igualdade econômica” (BEAUVOIR, 1970, p. 165).

² “Okhrana foi a polícia secreta do regime do czar Alexandre III da Rússia, criada em 1881 e com sede em São Petersburgo. O seu nome significa Departamento de Segurança. Surgiu para perseguir os partidos políticos (Narodnik e Partido Social-Democrata Russo) que faziam frente à autocracia do tsar. Foi usada para reprimir sectores educacionais, imprensa e tribunais, além da massa popular, descontente com a situação social, política e econômica que a Rússia enfrentava no fim do século XIX e princípios do século XX” (Fonte: Wikipédia – Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Okhrana>>. Acesso em 15 set 2013).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ante o exposto, veremos a seguir como são construídas as personagens femininas de *O Idiota*, para isso destacaremos as mulheres da família Iepántchin como exemplos de mulheres honradas em oposição às mulheres desonradas e sem famílias representadas por Nastácia Filíppovna e Marie.

3 Mulheres honradas: as Iepántchin

No cenário oitocentista a situação social e moral da mulher considerada honrada ainda era inseparável da ideia de casamento. Conforme nos apresenta Beauvoir (1967, p. 167) para as mães e moças, desse momento histórico, casar-se era como uma carreira profissional, uma vez que o casamento seria para elas como “um ganha-pão e a única justificativa social de sua existência”. As jovens viam no casamento a única possibilidade de se tornarem seres sociais de destaque, já que ser “solteirona” era o mesmo que ser apagada socialmente. Daí a preocupação desenfreada das mães de quererem casar as filhas a todo o momento, a fim de tê-las em evidência, por isso que geralmente os casamentos não eram decididos por causa do amor, mas sim pelo *status* social que este proporcionava (BEAUVOIR, 1967, p. 175).

Às filhas eram destinados dotes, de acordo com a fortuna da família, para que as jovens pudessem construir um novo lar bem amparado economicamente. Assim, as moças de famílias abastadas dificilmente ficavam solteiras, já que os pretendentes as viam como um ótimo negócio e ao lado delas manteriam a perpetuação dos seus nomes por meio dos filhos que viriam. Segundo Beauvoir (1967, p. 168), enquanto para as moças casar-se era o único destino, para os rapazes era um modo de vida, pois eles viam no “casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência”.

Em *O Idiota* a esposa e as três filhas do General Ivan Fiódorovitch Iepántchin representam mulheres que são socialmente respeitadas e admiradas pela situação financeira e caráter moral que possuem. Apesar disso, as Iepántchin conseguem desconstruir alguns dos traços dessa mulher oitocentista.

De origem nobre, a generala Lisavieta Prokófievna Iepántchin – personagem cômica, pertencente ao núcleo social conforme a classificação de Pessanha (1981) –, matriarca da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

casa, é uma mulher de gênio forte que controla o marido, invertendo-se assim o protótipo patriarcal no qual a esposa é sempre dominada e obediente: “a cada ano ia se tornando mais e mais cheia de caprichos e impaciente, até meio excêntrica, no entanto como, apesar de tudo, continuava tendo a mão um marido muito obediente e extravagante, o excedente e acumulado costumava desabar na cabeça dele [...]” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 59). Ironicamente, o amor que o General sentia pela esposa era fruto do temor que ela lhe causava, por essa razão ele sempre cedia às vontades dela e aos desejos das filhas Alieksandra, Adelaida e Aglaia.

No conjunto das personagens de *O Idiota*, a generala situa-se no grupo dos escandalosos e acanalhados. Segundo Pessanha (1981, p. 33), nesse romance “o acanalhamento – certo, em graus e estágios diversos – dos seres sociais verifica-se como que naturalmente: por brevidade, diríamos que é quase uma fatalidade”. Definida pelo príncipe Míchkin como uma criança completa, Lisavieta é sempre extravagante em suas colocações. Quando aparece na narrativa, sua voz transparece certa ingenuidade e por isso é motivo de riso ou zombaria por outras personagens. Maleável, almeja (como as mães da época) casar as filhas com homens ricos e poderosos, mas ao mesmo tempo as moças a dominam e fazem valer os gostos delas. Contraditória no seu ponto de vista social, como na análise da “questão feminina”, em alguns momentos seu discurso é tradicional e patriarcalista enquanto em outros sua atitude é liberal.

— [...] Arre! Tudo anda de pernas para o ar, tudo às avessas. A moça está crescendo em casa, de repente no meio da rua pula para dentro de uma carruagem: “Mãezinha, há poucos dias eu me casei com um tal de Kárlitch ou Ivánitch, adeus!”. Então, a seu ver essa é a boa forma de agir? Naturalmente digna de respeito? Questão feminina? Esse menino (apontou para Kólia), até ele discutiu comigo alguns dias atrás dizendo que isso é a “questão feminina”. [...] Por que esse risinho? [...] E tu não fiques aí com risotas, porcalhão! (Ela investiu subitamente contra Hippolit) [...] (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 326).

Observamos nesse trecho da obra que a concepção patriarcalista de Lisavieta entra em conflito com pontos de vista de outras personagens, nesse enfrentamento de vozes sociais, a generala que em alguns momentos enxerga o modelo de casamento arranjado pelos pais como moralmente correto, em outros momentos aceita a decisão das filhas de ficarem solteiras, de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não terem pressa por se casar, de elas próprias escolherem seus noivos e tomarem suas próprias decisões: “[...] o conclave das três donzelas, uma vez solidário, começava a prevalecer a três por dois; a própria generala, por uma questão de amor-próprio, achava mais adequado não discutir e ceder” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 59).

As três filhas da generala – Alieksandra, Adelaida e Aglaia – são caracterizadas como moças que encantam a sociedade pelas suas belas aparências, mas que também assustam essa mesma sociedade pela grande quantidade de livros que liam, muitos deles proibidos para mulheres, e por serem demasiadamente discretas, modestas e cultas. Todas possuíam grandes dotes, mas não tinham interesse pelo casamento. Sem a preocupação de ficarem solteiras e serem tidas como escória pela sociedade, comum às moças do momento histórico, as irmãs mais velhas até cederam os seus dotes a mais nova, para que esta tivesse um matrimônio mais afortunado e uma maior possibilidade de casar-se com um bom e rico mancebo.

Na narrativa, Alieksandra e Adelaida são personagens de menor importância para a construção do enredo, elas aparecem apenas nas cenas coletivas, servindo sempre como público para os escândalos que constantemente acontecem na história. Sobre elas ficamos sabendo pelo narrador que a primogênita da casa dos Iepántchin, Alieksandra, é uma moça de vinte e cinco anos, sensata e acomodada que apresenta uma tristeza secreta e não chega a casar-se até o final da trama. Já a irmã do meio, Adelaida, moça de vinte e três anos é intensamente alegre e bondosa, porém sua singeleza a torna apagada socialmente; casa-se com o príncipe Sch., no entanto suas ideias são divergentes das do marido e os dois não conseguem se entender completamente: “[...] mas no futuro parecia absolutamente inevitável a submissão voluntária e afetiva da impetuosa Adelaida à inteligência e à experiência do príncipe Sch.” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 682). Mesmo que o destino de Adelaida indique uma afirmação da sujeição da mulher essa personagem representa uma consciência feminina em fase de transformação. Esse trecho retirado do último capítulo de *O Idiota* nos mostra que apesar de terem sido criadas no rígido sistema patriarcal, as Iepántchin apresentam um comportamento que vai de encontro aos ensinamentos de obediência e submissão dados às mulheres oitocentistas, conduta essa percebível mais acentuadamente na irmã caçula.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Moça de vinte anos, Aglaia, a filha mais nova e “beldade indiscutível da família” (idem, p. 61), é a personagem mais relevante da casa dos Iepántchin para o desenvolvimento da trama de *O Idiota*. Segundo Joseph Frank (2003, p. 231), esse livro divide-se em três enredos, sendo Aglaia a protagonista do segundo o qual gira em torno da história de amor entre ela e o herói do romance, o príncipe Míchkin.

A mais jovem Iepántchin apresenta um gênio bastante diferente do das outras irmãs, difícil de ser definida, nem o príncipe consegue compreender o enigma do seu rosto em uma primeira análise. Logo no início da obra ficamos sabendo que Aglaia possui um “dote colossal” (p. 61) para o casamento, no entanto, a moça rejeita todos os pretendentes que lhe aparecem. Deixa transparecer que ama Míchkin, contudo esse amor é excêntrico, pois seu comportamento com o rapaz é ambíguo: “menina e mulher ao mesmo tempo, inocente e cruel, apaixonada e caprichosa, comporta-se diante desse homem excepcional como um ‘demoniozinho’ doméstico” (PESSANHA, 1981, p. 54).

Por ser a caçula e a mais bela entre as irmãs, Aglaia tem todas as atenções da família sobre si. Deste modo, o assunto casamento é uma constante em sua vida, mas a moça tem outros objetivos e para alcançá-los o único que pode ajudá-la é o príncipe, por isso o seu interesse pelo rapaz desde a primeira vez que o vê: “— [...] Bem, eu quero fugir de casa, e eu o escolhi para que você me ajude. [...] Já faz vinte anos que eu moro com eles, e estão sempre querendo me casar” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 482, 483). Aglaia tinha a ambição de viajar para estudar em outro país, seu sonho era ser livre daquele ambiente patriarcal: “— Nunca fui a lugar nenhum e jamais; fiquei sempre em casa, arrolhada como se estivesse em uma garrafa, e da garrafa vou sair direto para me casar” (idem, p. 484). Sabendo que o matrimônio era o destino que a família tinha preparado para ela, a jovem Iepántchin traça o seu plano de fuga se envolvendo com “o cavaleiro pobre” ou “o idiota”, que por sua imensa humanidade e bondade a entenderia e poderia salvá-la do seu destino.

— Aos quatorze anos eu já pensava em fugir, embora fosse uma imbecil. Agora eu já tenho tudo calculado e o esperava a fim de interrogar sobre o estrangeiro. Eu nunca vi nenhuma catedral gótica, quero ir a Roma, quero olhar todos os gabinetes dos cientistas, quero estudar em Paris; passei todo o



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

último ano me preparando e estudando e li muito livros; li todos os livros proibidos. [...] quero mudar inteiramente a minha condição social. Eu decidi me dedicar à educação, e eu contava com você porque você dizia que gostava de crianças. Podemos nós dois nos dedicarmos juntos à educação, ainda que não seja agora, mas no futuro? Nós dois juntos seremos úteis; eu não quero ser a filha do general... (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 483).

A autoconsciência de Aglaia sobre a sua condição de mulher presa as opressões de um sistema patriarcalista mostra que a personagem almeja a libertação e não mede esforços para conquistá-la. A irmã caçula vê o casamento como uma prisão, mas mesmo assim é capaz de casar-se para conquistar seus objetivos, visto que, a escolha do homem certo, que tivesse ideias liberais e mais humanas sobre a condição feminina, possibilitaria para ela a vida sonhada. De fato, o desfecho da personagem indica a concretização desse sonho: desfeito seu relacionamento com o príncipe, Aglaia se casa com um emigrante polonês sem fortuna que a influencia com suas ideias e a faz cortar completamente as relações com a família. Os Iepántchin não suportando a “desonra” vão para a Suíça a fim de se recuperarem do escândalo causado pela filha mais nova.

A questão da honra e da desonra, tão forte para os preceitos morais das personagens sociais de *O Idiota*, aparece dissimulada pela a hipocrisia que permeia os seus discursos. Podemos perceber que, nas relações sociais, aquele personagem que desonra é ao mesmo tempo visto pelos outros como honrado, por ser poderoso economicamente ou em situação superior a sua vítima, como nas relações de gênero. Em outras circunstâncias, a exemplo dos Iepántchin, resolve-se ocultar, mascarar a situação desonrosa não falando no assunto, visto que se trata de uma família muito importante. Em ambos os casos, as vítimas desonradas, são sempre mulheres que ou se entregam por amor a homens inferiores, como Aglaia, ou são violadas em sua inocência.

4 Mulheres desonradas: Nastácia Filíppovna e Marie

A conservação da castidade até o casamento era para a mulher oitocentista determinante para a sua situação moral perante a sociedade. Enquanto a honra masculina estava relacionada



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

à manutenção da palavra do homem, a honra feminina estava inteiramente ligada à preservação da virgindade. Eis a razão pela qual o homem deveria *ser honrado*, como pessoa, como ser humano, ao passo que a mulher deveria *guardar a sua honra* da maneira como se protegia a um objeto valioso.

A mesma sociedade que determinava a maneira de agir das mulheres, dizendo que elas deveriam manter seus corpos em dignidade, estabelecendo limites para a sexualidade delas, dava ao homem a liberdade para transgredir e violar o corpo feminino. No século XIX, qualquer homem importante para a sociedade permanecia um homem de honra mesmo quando deflorava uma menina, porque todos eram sujeitos a fraquezas. Enquanto isso, como nos esclarece Beauvoir (1967, p. 379), a “menina que não atinge a região ética do universal — que não é um magistrado, nem um general, mas apenas uma menina — joga seu valor moral na região contingente da sexualidade; é uma perversa, uma transviada, uma viciada, boa para uma casa de correção”. Em *O Idiota* percebemos essa realidade na construção de algumas personagens femininas, como Nastácia Filíppovna e Marie que tiveram seus corpos molestados e conseqüentemente são obrigadas a enfrentar o preconceito social por serem consideradas mulheres imorais, despudoradas e, por isso, desprezíveis.

Marie é uma personagem que aparece apenas uma vez na história, em um relato do príncipe Míchkin às Iepántchin, dentro da obra ela não tem relevância para o desenvolvimento do enredo, no entanto essa personagem tem uma grande importância ideológica para a reflexão e discussão sobre a situação social da mulher pobre e moralmente desonrada no contexto patriarcal oitocentista.

Seduzida por um viajante francês, Marie – filha única de uma camponesa velha, doente e humilde –, entrega o seu corpo por amor, com a esperança de que teria um futuro digno com esposo, uma casa e filhos. Entretanto, os seus sonhos são despedaçados, ela é largada na estrada e sem recursos é obrigada a voltar à casa da mãe. A moça retorna para a aldeia em farrapos e doente por ter caminhado vários dias sem comida e sem amparo, mesmo nesse estado desumano, chegando ao seu lar é recebida pelos seus com repulsa e crueldade porque havia perdido a honra, isto é, a sua virgindade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

[...] quando ela voltou doente e destroçada, não houve em ninguém qualquer compaixão por ela! Como eles são cruéis com essas coisas! Como são duras as noções que eles têm dessas coisas! A mãe foi a primeira a recebê-la com raiva e desprezo: “Agora tu estás desonrada!”. Ela foi a primeira que a expôs à vergonha. [...] Todos ao redor olhavam para ela como se olha para um réptil; os velhos a censuravam e a insultavam, os jovens chegavam até a rir, as mulheres a insultavam, censuravam, olhavam com um desprezo de quem olha para uma aranha (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 93).

A sociedade, representada nessa narração de Míchkin, é moralmente rigorosa especialmente com a mulher, uma vez que nesse ambiente o pudor sexual feminino era considerado uma virtude. A ideologia de que a virgindade era o bem mais precioso da mulher solteira e que por isso deveria ser mantida até o casamento com pena de uma vida de miséria e de condenação eterna para as que tivessem seu hímen rompido, dominava os discursos religiosos e moralistas. Deste modo, as meninas eram educadas a seguirem essas ideias e as que eram desgraçadas, aceitavam as punições que recebiam da sociedade, visto que elas também se reconheciam como culpadas, como miseráveis: “observei que ela mesma aprovava tudo aquilo, e se considerava a si mesma o último dos répteis” (idem, p. 93).

Portanto, Marie tem sua história arruinada pela desonra e sem lutar para mudar o seu destino ela aceita calada o julgamento e a punição dos outros sobre si. Sua autoconsciência é o reflexo da visão que a sociedade tem ao seu respeito, por isso seu desfecho, a sua punição é a morte primeiramente social e em seguida física. Diferente dessa personagem que não tem uma voz ativa no interior da obra, Nastácia Filíppovna, também representante das mulheres desonradas é a protagonista do primeiro enredo de *O Idiota*, conforme divisão de Frank (2003), e possui uma autoconsciência que a faz refletir sobre si mesma analisando a opinião do outro. Como nos mostra Bakhtin (2010, p. 60) o herói de Dostoiévski ver-se através do outro e é consciente de todas as possibilidades da sua imagem na consciência das outras personagens, apesar disso, “o autor reserva efetivamente ao seu herói a última palavra”, sua autoconsciência é “um discurso pleno, uma voz pura”.

Por conseguinte, Nastácia Filíppovna é uma heroína que surpreende o leitor pelo seu caráter, pela sua personalidade complexa revelada por sua fala e pela sua maneira de agir



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

durante toda a intriga do romance. Órfã e ainda criança despontando uma beleza fora do comum, sua história é, como nos explica Dominique Arban (1989, p. 144), um misto de abandono e violentação. Molestada na adolescência pelo seu tutor Totski, carregava consigo o sentimento de humilhação e a consciência do desprezo que a sociedade tinha por ela. Muito bela, é disputada por vários homens que tentam conquistá-la por meio do dinheiro e assim corrompê-la, desviá-la para a canalhice e para a hipocrisia. Mas Nastácia, não se deixa contaminar pelas personagens do núcleo social, os enxovalhados, isto porque a moça tinha “uma firmeza incomum e o mais inesperado caráter” (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 64).

Considerada como uma cortesã ou uma camélia³, Nastácia Filíppovna possuía uma má reputação e era vista pela sociedade como uma mulher sem dignidade. Enquanto isso o homem que abusara da sua inocência era tido como um grande cavalheiro da sociedade, honrado e respeitado por todos. Consciente da sua posição desonrosa e sentindo-se como uma mulher sem salvação, se comportava como os outros a viam, visto que para ela a pureza do ser (na sua concepção, inseparável da sexualidade) significava a perfeição humana. Como esclarece Pessanha (1981, p. 51), a heroína atuava de acordo com as calúnias da sociedade de maneira a provocar aqueles que a insultavam e difamavam, por isso, Filíppovna era “inconveniente e deselegante, o riso largo, inesperado, escandaloso”. Todavia, para ela essa conduta desregrada, essa vontade de apresentar para os outros o que ela não era “em verdade nada mais é que a forma orgulhosa e desdenhosa de *devolução* da ofensa, que consiste em apresentar-se pior do que esperam” (PESSANHA, 1981, p. 51).

A altivez de Nastácia é o que a protege da sujeira e do acanhamento das personagens sociais, o desprezo que ela sente por todos os homens e mulheres que a denigrem é também a sua válvula de escape e o que a torna uma das personagens mais humanas da obra, ao lado do príncipe Míchkin. Sobre isso, Hamilton Nogueira (1974, p. 18) nos diz que Nastácia Filíppovna é “um dos mais extraordinários tipos de mulher criados pelos romancistas em geral, e sem dúvida a máxima criação feminina de Dostoiévski” e completa, afirmando que a razão disso é o fato de essa personagem ser “uma criatura viva, real, tão real como se estivesse diante de nós, destacando-se a sua humanidade no meio dos personagens fantásticos

³ Em *O Idiota* esse termo é uma referência à obra *A Dama das Camélias* (1848), do francês Alexandre Dumas Filho.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ou reais do universo dostoiévskiano”. Assim sendo, Nastácia é a representação da mulher em sua essência mais pura e também daquela que é espezinhada pelo opressor, mas que não se deixa abater por ele, ao contrário, enfrenta-o, desafia-o.

Ante o exposto, podemos perceber que em *O Idiota*, as mulheres desonradas possuem em si os mesmos preceitos e valores morais que as mulheres honradas. No entanto, as sem honra são renegadas porque não possuem nobreza, não têm influência na sociedade visto que são moças sem famílias, órfãs de amor, de proteção legal daí a rejeição social. Reprimidas pelas ideias patriarcalistas dominam-lhe o sentimento de indignidade pessoal, mesmo que apareça disfarçado pelo orgulho como em Nastácia, ou, em pior situação, se conforme com o abismo como em Marie.

Conclusão

Em *O Idiota*, Dostoiévski mostra o contexto social da sua época discutindo uma amplitude de assuntos os quais, segundo Frank (2003, p. 431), fazem dessa obra “a mais difícil de se analisar a partir de alguma perspectiva unificada”. Assim, nos propomos a investigar neste trabalho o perfil das mulheres do romance *O Idiota*: àquelas consideradas pela sociedade oitocentista como honradas em oposição às avaliadas como desonradas. Percebendo que o universo feminino nessa obra é vasto e complexo, procuramos fazer um panorama das personagens que mais se destacam na composição do enredo e que definem melhor a concepção moral da segunda metade do século XIX.

Vimos que as mulheres russas desse momento histórico não eram muito diferentes das irmãs ocidentais, elas também lutaram para constituírem os direitos civis das mulheres, enfrentaram o patriarcalismo e tiveram a recompensa no início do século XX. Com o apoio de intelectuais a “questão feminina” se fez presente, como tema recorrente, em obras de arte, na imprensa e também na literatura, como no romance aqui analisado.

Por conseguinte, observamos que do lado das mulheres honradas, as Iepántchin se destacam porque se diferenciam do perfil feminino da mulher submissa e sem voz, o que causa espanto social, mas sem discriminações por causa da condição social destas. Enquanto



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

as escórias da sociedade, as desonradas como Marie são tratadas como répteis ou comparadas a demônios sedutores como Nastácia Filíppovna. Logo, essas personagens representam as várias vozes femininas que perpassam esse romance dostoiévskiano; são vozes da sujeição, da violência, da mortificação, mas também da esperança, da mudança, da diferença.

Referências

- ARBAN, Dominique. **Dostoiévski**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. (Coleção escritores de sempre).
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo I: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1970.
- _____. **O Segundo Sexo II: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet São Paulo: Difel, 1967.
- BRANCO, Lúcia Castelo. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Idiota**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: os anos milagrosos, 1865-1871**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2003.
- NOGUEIRA, Hamilton. Nastássia Filipovna, a rainha. In: _____. **Dostoiévski**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- PESSANHA, Rodolfo Gomes. A infelicidade refugiada na loucura. In: _____. **Dostoiévski: ambiguidade e ficção**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
- STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.
- VIEIRA, Carolina Sena. A contraposição ao “homem russo” ou às personagens femininas dos Karamázov: um ensaio sobre a marginalização da mulher na sociedade patriarcal russa do século XIX. In: OLIVO, Luis Carlos Cancelier de (org.) **Dostoiévski e a filosofia do direito: o discurso jurídico dos irmãos Karamázov**. Florianópolis: Ed. da UFSC: Fundação Boiteux, 2012.